Ribeiro, Aquilino

(1885-1963)



Aquilino Gomes Ribeiro nasceu numa aldeia de Sernancelhe (Beira Alta) e toda a sua obra ecoará de uma ou outra forma esse lugar de origem. As suas viagens e exílios, num tempo de catástrofe europeia, serão, por sua vez, fundamentais para a sua formação como ser humano e como artista. Se há obra onde o local e o universal dialogam, se intersectam e confluem, essa obra é a de Aquilino Ribeiro. Contra as imagens redutoras e unifacetadas de um escritor regionalista ou ruralista, Seabra Pereira oferece-nos uma pertinente síntese da obra aquiliniana: "uma vez transposta a fase de maturação, Aquilino quase sempre consegue a integração superadora e a coerência orgânica dos seus conhecimentos das línguas clássicas, das suas aquisições cosmopolitas por viagens e estadias no estrangeiro, pelo domínio de línguas e literaturas modernas, e da sua rica experiência existencial na serra ancestral, no burgo provincial, na cidade capital ou na metrópole europeia" (Pereira 2020: 118). Este ensaísta considera também que as crónicas sobre arte escritas pelo autor terão contribuído para a "aclimatação em Portugal" das Vanguardas literárias (cf. Pereira 2019: 238) e Carina Infanta chama a nossa atenção para notáveis passagens das crónicas do tempo da Sorbonne onde emerge o "motivo moderno e modernista da cidade como paisagem vivida por dentro, como se de um ecrã mental se tratasse" (Carmo 2014: 67). Por sua vez, Jorge Reis, em *Aquilino em Paris*, considera que a vivência parisiense foi determinante para a recriação da língua portuguesa a partir do léxico beirão. As línguas e as suas diferenças serão, de resto, tema de alguns textos aquilinianos, articuladas com a elaboração de uma poética do romance norteada pela tese da unidade idiomática de Portugal e pelo objetivo de "nacionalizar" o romance, "indo às fontes lustrais, empregando 'terra' bem

portuguesa" (Ribeiro 1963: 72).

As marcas das viagens e exílios de Aquilino encontram-se presentes em várias dimensões da sua prolixa obra, desde o hibridismo genológico à escrita pluridiscursiva e heteroglóssica, passando pela intriga (ora em cenários rurais ora urbanos) e pela construção das personagens de algumas novelas. A passagem por Paris inspira o relato do convívio parisiense entre intelectuais e prostitutas em *Filhas de Babilónia*, e as suas personagens femininas mais livres. A viagem ao Brasil (em 1952), por sua vez, levará à criação de uma nova versão do "brasileiro" de torna-viagens em Manuel Louvadeus, personagem inesquecível do romance *Quando os Lobos Uivam* (1958). E o seu fascínio por andarilhos e viajantes (recorrentes ou centrais nos seus textos) deve, decerto, muito às suas andanças pelo mundo.

É a partir de França que Aquilino faz um cru retrato da emigração portuguesa para esse país nos anos 30, evidenciando o quadro periférico e de "colonizado", económica e culturalmente, de Portugal face a França. E é a sua deslocação para fora de Portugal que lhe permite recolher os mais diferentes olhares e perspetivas de outros povos sobre Portugal, na génese de várias reflexões sobre a identidade portuguesa (cf. infra Cit.), sobre os conceitos de "pátria" e "lusitanidade" ou avançar com instigantes estudos comparativos de cidades (de Paris ao Rio de Janeiro).

Em virtude da sua ação política, Aquilino viveu dois exílios: o primeiro em Paris, de 1908 a 1915, aí assistindo ao desenrolar dos conflitos europeus que culminaram na 1ª guerra mundial. O diário *É a Guerra* (1934) dá conta do seu antibelicismo e da crítica ao envolvimento de Portugal no conflito, não escondendo "a náusea por aquele `horrendo ataque de epilepsia universal', o pessimismo histórico-social" (Carmo 2014: 62), que o leva ao *insilio* na aldeia natal. Vive um segundo exílio de 1927 a 1932, de que resultará *Alemanha Ensanguentada* (1935), um livro contra o esquecimento dos horrores da guerra e que constitui um autêntico "património do sofrimento". Ambas as obras (e *Volfrâmio*) valeram a Aquilino o epíteto de "germanófilo", ainda que fosse impossível negar a sua paixão por

França.

Alemanha Ensanguentada, espécie de reportagem e diário de viagem, é sobretudo um *requiem* pela Alemanha do pós-guerra (pela Europa, em geral), e obra profética também, que anuncia o emergir de novo conflito europeu. Aí descreve com profunda sensibilidade uma terra devastada, com feridas e cicatrizes que vão desde a fome e escassez de bens elementares à onda de suicídios na Alemanha derrotada. Este livro é também um livro de homenagem aos portugueses mortos em "Lacouture, terra regada com sangue português" (p. 262), e onde um monumento de pedra, de suposta homenagem à heroicidade dos soldados lusos, indicia uma subserviência continuada aos franceses. Com indignada ironia, escreve Aquilino: "Àparte as estrofes mutiladas de Camões, não há mais voz além deste dístico no supedâneo: *Hommage du Portugal à la France Immortelle / Reduit de Lacouture / 9 Avril 1918*. Quer dizer: Portugal deu à França corpos, almas e dinheiro, e para coroamento de generosidade vem na terra, ensanguentada pelo seu próprio sangue, prestar-lhe mais aquele preito" (Ribeiro: 263-64).

Os escombros que descreve em *Alemanha Ensanguentada* não turvam a contemplação da Natureza (primordial na sua vida e obra) nem o olhar comparatista. Na viagem de carro pela Picardia, o viajante deslumbra-se com a vitalidade e a "variedade cromáticas das árvores outonais, copadas e antigas" e reflete sobre a dimensão sagrada da floresta na mitologia nórdica, em contraste com a utilitária "mata" portuguesa, a que surge nalguns romances, aliada ao tema dos baldios, que tantos dissabores lhe traria.

O vaivém entre o mundo rural e o mundo cosmopolita explicará, em parte, o olhar compreensivo sobre o mundo aldeão, atávico e anacrónico. A poética vitalista e o telurismo não são sinónimos de cegueira e de uma visão idílica do campo, como o prova o romance *A Batalha sem Fim* (1932) – parábola e anti-epopeia de um país primitivo, onde camponeses e pescadores rasgam dunas à procura de tesouros de outros tempos, levando a cabo um "crime ambiental", que antecipa o que é cometido pelo Estado em *Quando os Lobos Uivam* (cf. Hayson 2017). Mas nem o obscurantismo nem a utopia da salvação derivada de crenças

e superstições, nem os motins em que miseráveis se digladiam merecem a condenação de Aquilino. À crítica aos processos arcaicos de escavação e à ignorância da engenharia moderna contrapõe a personagem do escritor (um seu alter-ego) uma explicação: o drama do protagonista é cósmico; o que o move é o sonho. Ou, de modo aforismático: “Amplie-se a aventura da duna, e teremos a aventura da humanidade no tempo e no espaço” (Ribeiro 1932: 244).

Passagens

Alemanha, Brasil, Espanha, França, Inglaterra…

Citações

Fomos a Hendaya ver os emigrantes que chegavam de Portugal. […] Escusado perguntar-lhes se são portugueses. Intonsos, maltrapilhos, ombros erguidos, mãos nos bolsos, a tiritar dentro da andaina de cotim por cima da camisa de riscado […]. Têm todas as idades. Desde o rapazinho imberbe de dezasseis anos ao homem de cabelos brancos, no pendor da velhice, e são originários de todos os cantos do Norte de Portugal. […] Para onde vão? Não sabem. A maior parte deles vieram sem contrata [sic], os raros que a traziam de Portugal ignoram a que espécie de trabalho ficam escravizados, no desconhecimento que têm do francês, e porque ninguém, tão-pouco, os elucidou. […] Mediante a contrata que assinou com dois rabiscos ou de cruz, é um escravo que se vendeu de corpo e alma ao senhor. […] Se deserta, o patrão manda-o prender; se levanta a cabeça por doença forçoso é que o patrão o autorize […] numa palavra, não se pertence; perdeu os seus foros de cidadão; é como os negros de África. (*Aquilino. Páginas do Exílio 1927-1930*: 129-130)

Neste arrastado outono são como as princesas do Oriente, que se adereçavam de todas as pedrarias para o leito funerário, as árvores da Europa setentrional. […] São sinfonias de cor,

refractárias à paleta mais sensual.
Compreende-se que, atrás de tão surpreendentes cortinas, haja fadas e bons génios, dados à generosa tarefa de endireitar a sina de pastoras tristes e príncipes de alma pura, mas desgraciosos. Compreende-se e aceita-se a mitologia da floresta com os seus poéticos e caprichosos habitantes, sílfides, gnomos, elches, dríades, que sei eu! Deu-nos a madre-natureza a nós meridionais, em património, o céu azul e o sol claro. Legou à floresta à gente do Norte. Consentiu-nos o regalo da mata; à mata, porém, dá-se-lhe volta; corta-se-lhe a lenha; nunca foi sagrada; nunca vieram habitar nela divindades. (Ribeiro 1935: 296-297)

Para uns somos um povo triste e melancólico, bêbedo de fado e de saudade, para outros um povo alegre sobrenadando gloriosamente acima das agruras da vida, entre um mar azul e um céu mais azul ainda. […] Que somos dotados de uma imaginação selvagem e de uma infantilidade bárbara; que somos propensos à charlatanaria, ao culto do ouropel e do palavrão oco e sonoro; que nada nos é sagrado e que o espiritual em nós é só atitude; que o nosso fundo é sensualidade e preguiça; que a nossa história é uma bela aventura de piratas e candongueiros; que os escrúpulos da honra entre nós […] Mas os Pechio, os Linck, Os Hoffmanseg exclamarão que somos o povo mais idealista do mundo, doce, brando, sensível, pacífico como uma tribu em regime patriarcal, de alma pura e cândida como uma revoada de pombas brancas […] Os moderados acoimar-nos-ão de rotineiros, supersticiosos, humildes até à objeção, honestos, posto que pobres, laboriosos, embora incultos, dotados de uma inteligência viva, mas sem consciência, volúveis – europeus destemperados pelo sangue negro.
Neste pretório em que falam todas as línguas, onde está a verdade? E porque são tão discordes?
(*Aquilino. Páginas do Exílio. 1927-1930*: 52)

Bibliografia Ativa Selecionada

Aquilino. Páginas do exílio: Cartas e crónicas de Paris. 1908-1914, (1988), Recolha de textos

e org. Jorge Reis, Lisboa, Vega, Vol. 1.

Aquilino. Páginas do exílio: Cartas e crónicas de Paris. 1927-1930, (1988), Recolha de textos e org. Jorge Reis, Lisboa, Vega, Vol. 2.

Ribeiro, Aquilino (1934), *É a Guerra (Diário)*, Lisboa, Livraria Bertrand.

— (1935), *Alemanha ensanguentada*, Lisboa, Livraria Bertrand.

— (1958), *Quando os Lobos Uivam*, Lisboa, Livraria Bertrand.

— (1969), *Portugueses das Sete Partidas (viajantes, aventureiros, troca-tintas)* (1ª ed. 1951).

— (1963), *Abóboras no Telhado*, Lisboa, Livraria Bertrand (1ª ed. 1955).

— (1985), *Filhas de Babilónia*, Lisboa, Livraria Bertrand (1ª ed. 1920).

— (1985), *A Batalha sem Fim*, Lisboa, Livraria Bertrand (1ª ed. 1932).

— (1985), *Estrada de Santiago*, Lisboa, Livraria Bertrand (1ª ed. 1922).

Bibliografia Crítica Selecionada

Carmo, Carina Infanta (2014), “Aquilino Ribeiro e o caderno de uma guerra mundial a nascer”, in *Navegações*, v. 7, n. 1, jan.-jun., pp. 61-68 In https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22748/1/sAquilinoRibeiro%C3%89aGuerra%20%282%29.pdf

Garcia, Frederick C. Hesse (1981), *Aquilino Ribeiro: Um Almocreve na Estrada de Santiago*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Hayson, Peter (2017), “Obsessiva eternidade”: O fim do mundo rural, segundo Aquilino

Ribeiro", in *Materiais para o Fim do Mundo 7*. Porto, ILCML, pp. 5-15. DOI: 10.21747/9789899937574/fimdomundo7a1

Lopes, Óscar (1990), "Aquilino Ribeiro", in *Cifras do Tempo*, Lisboa, Caminho, pp. 169-197.

Neves, A. (1996), *Aquilino Ribeiro e o Brasil. Cadernos Aquilinianos* (Centro de Estudos Aquilino Ribeiro), 4, pp. 85-96.

Nunes, Renato David Simões (2019), *Aquilino Ribeiro Percursos de um escritor, em tempo de ditadura (1926-1963)*, Lisboa, Universidade Aberta, in https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/8425/1/TD_RenatoNunes.pdf

Pereira, José Carlos Seabra (2019), *As Literaturas em Língua Portuguesa (Das origens aos nossos dias)*, Lisboa, Gradiva.

— (2020), "Aquilino Ribeiro", in *Cânone* (org. de António M. Feijó *et alli*) Lisboa, Tinta da China.

Reis, Jorge (1987), *Aquilino em Paris*, Lisboa, Ed. Vega.

Vidigal, Luís (1988), Recensão de *Aquilino em Paris* e *Páginas do exílio*, vol. I e II, org. por Jorge Reis, in *Colóquio/Letras*, n. 104-105, pp. 173-175.

Maria de Lurdes Sampaio

Como citar este verbete:
SAMPAIO, Maria de Lurdes (2023), "Aquilino Ribeiro", in *Ulyssei@s: Enciclopédia Digital*. ISBN 978-989-99375-2-9.
https://ulysseias.ilcml.com/pt/termo/ribeiro-aquilino/